

Gestos do desvio: uma discussão estética sobre o habitar a cidade

Deviation gestures: an aesthetic discussion on inhabiting the city

Gestos de desvío: una discusión estética sobre habitar la ciudad

Lígia Maria Mello Dias 

Universidade Federal do Rio de Janeiro; Faculdade
de Arquitetura e Urbanismo; Programa de Pós-
Graduação em Urbanismo.
Rio de Janeiro (RJ), Brasil.
ligia.dias@fau.ufrj.br

* Autora correspondente.

CRediT

Contribuição de autoria: Concepção; Curadoria de dados; Análise; Coleta de dados; Metodologia; Supervisão; Validação; Visualização; Redação – rascunho original; Redação – revisão e edição: DIAS, L.M.M.

Conflitos de interesse: A autora certifica que não há conflito de interesse.

Financiamento: Fundação de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Aprovação de ética: A autora certifica que não houve necessidade de aprovação de Comitê de Ética.

Uso de I.A.: A autora certifica que não houve uso de inteligência artificial na elaboração do trabalho.

Editores responsáveis: Daniel Sant’Ana (Editor-Chefe); Ana Elisabete Medeiros (Editora Associada); Elane Ribeiro Peixoto (Editora Associada); Aline Stefânia Zim (Editora Associada); Sarah Adorno Blanco Vencio (Assistente editorial).

Resumo

Ao tomar o momento atual como um período de transformação nas composições sociais, existenciais e, conseqüentemente, transformações nos desejos para se constituir cidades, este artigo se propõe a fazer uma construção teórica do que são os gestos do desvio e como eles podem anunciar novas conformações de cidade através do corpo das pessoas que habitam esses espaços. Dessa forma, pretende-se estabilizar um entendimento do que seriam os gestos aqui trabalhados, ao utilizar contribuições do filósofo Giorgio Agamben e da filósofa Barbara Formis, principalmente quando ela trata sobre a questão do gesto ordinário. Além disso, também se buscará uma estabilização do que se entende por desvio, ainda no campo filosófico, ao tomar autores como Gilles Deleuze e Félix Guattari e suas reflexões sobre como uma sociedade pode se conformar. Esses conceitos são aproximados do campo do urbano através de uma tentativa de composição de nebulosas, nos termos de Margareth da Silva Pereira, pois compreendem-se possibilidades de entrelaçamentos, porém sempre admitindo uma certa instabilidade e movimento. Assim, ao entender os gestos do desvio presentes na cidade como uma enunciação do desejo dos modos de habitar, chega-se à identificação de dois regimes possíveis de desvio no real social relacionados ao entendimento de macropolítica e micropolítica.

Palavras-Chave: Gesto; Desvio; Afeto; Cidade; Desejo.

Abstract

Taking the present moment as a period of transformation in social, existential compositions and, consequently, transformations in the desires to constitute cities, this article proposes to make a theoretical construction of what are the gestures of deviation and how they can announce new city conformations through the body of the people who inhabit these spaces. Thus, it is intended to stabilize an understanding of what the gestures worked here would be, using contributions from philosopher Giorgio Agamben and philosopher Barbara Formis, especially when she deals with the issue of ordinary gesture. In addition, it will also seek a stabilization of what is understood by deviation, still in the philosophical field, taking authors such as Gilles Deleuze and Félix Guattari and their reflections on how a society can conform. These concepts are approximated from the field of urban through an attempt to composition of nebulae, according to Margareth da Silva Pereira, because it is understood possibilities of interlacing, but always admitting a certain instability and movement. Thus, by understanding the gestures of deviation present in the city as an enunciation of the desire for ways to live, we arrive at the identification of two possible regimes of deviation in social real related to the understanding of macropolitics and micropolitics.

Keywords: Gestures; Deviation; Affection; City; Desire.

Resumen

Al tomar el momento actual como un período de transformación en las composiciones sociales, existenciales y, consecuentemente, transformaciones en los deseos para constituirse ciudades, este artículo se propone hacer una construcción teórica de lo que son los gestos del desvío y cómo pueden anunciar nuevas conformaciones de ciudad a través del cuerpo de las personas que habitan estos espacios. De esta manera, pretendemos estabilizar una comprensión de cuáles serían los gestos aquí trabajados, utilizando aportes del filósofo Giorgio Agamben y de la filósofa Barbara Formis, principalmente cuando trata la cuestión del gesto ordinario. Además, también buscaremos estabilizar lo que se entiende como desviación, todavía en el ámbito filosófico, tomando autores como Gilles Deleuze y Félix Guattari y sus reflexiones sobre cómo una sociedad puede conformarse. Estos conceptos se acercan al campo urbano a través de un intento de componer nebulosas, en los términos de Margareth da Silva Pereira, pues se entienden posibilidades de entrelazamiento, pero siempre admitiendo cierta inestabilidad y movimiento. Así, al entender los gestos de desviación presentes en la ciudad como enunciación del deseo de modos de vida, llegamos a la identificación de dos posibles regímenes de desviación en el ámbito social relacionados con la comprensión de la macropolítica y la micropolítica.

Palabras clave: Gestos; Desviación; Afecto; Ciudad; Deseo.

1 Um problema de devir: os gestos como enunciação

a cidade está no homem
quase como a árvore voa
no pássaro que a deixa

Ferreira Gullar, *Poema sujo*, 2016 [1976].

A reflexão sobre a relação entre a cidade e os corpos que a habitam é tema de curiosidade e interesse de diversos autores, campos do conhecimento e abordagens. Uma relação tão complexa e ampla merece essa diversidade de olhares, nunca esgotáveis de todas as suas nuances. A maneira como a cidade habita o sujeito e o constitui em suas diversas formas de existência é um processo de constante construção e transformação. Por isso, este artigo procura pensar e – mais importante – entrelaçar algumas questões e devaneios para começar a desvelar mais uma forma de olhar para essa relação tão íntima e intrínseca, a qual diz tanto sobre a constituição ontológica do sujeito.

Diversos autores se interessaram sobre os aspectos e os efeitos da relação entre o corpo e a cidade, a partir de pontos de vista distintos. Entre eles está o sociólogo Richard Sennett que, em seu livro *Carne e Pedra* (Sennett, 2008), explora o espaço público das cidades e a sua relação com o corpo. O autor mostra, por exemplo, como no bairro de Greenwich Village, em Nova York, nos anos de 1970, conviviam famílias gregas, judias e italianas, usuários de drogas e traficantes, músicos e moradores de rua. Em uma cidade criada a partir de uma tábula rasa e com quadras uniformes, os corpos distintos se cruzavam nos mesmos espaços. No entanto, para Sennett (2008, p. 289), essa “ágora só existe na aparência”, pois o individualismo moderno silenciou as ruas, não acolhe as diferenças e simplesmente não enxerga o outro.

A visão universalista da abordagem de Sennett faz com que ele perca de vista as sutilezas do cotidiano responsáveis por revelar ruas e corpos que não permanecem em silêncio, pelo contrário, exigem performativamente o reconhecimento de sua existência e de sua diversidade. Estar na cidade e expressar toda a sua potência de existir põe em movimento e desloca muitas estruturas consolidadas. Por exemplo, mulheres exercendo performatividades de poder dentro do mercado de trabalho e decisões políticas, pessoas LGBTQIA+ que, através de seus corpos, provocam mudanças nas conformações sociais, pessoas negras que ocupam espaços que antes lhes eram inacessíveis. As ruas não estão silenciosas, as alteridades estão em constante conflito devido a uma disputa por visibilidade e reconhecimento de desejos.

Outra autora que trata sobre a relação intrínseca entre o corpo e a cidade é a arquiteta e urbanista Lúcia Leitão (2014). Leitão discute sobre o porquê da lógica de produção das cidades brasileiras fomentar uma cidade voltada para o espaço privado. A partir da obra de Gilberto Freyre, a arquiteta mostra as origens desse problema, atravessando-o com questões da corporeidade do morador da cidade. Segundo Leitão, o início do desenvolvimento das cidades brasileiras representou uma perda de poder e controle para o dono de engenho, porque é característico da vida urbana o anonimato e a coletividade, “em muitos sentidos incompatíveis com os interesses dos senhores patriarcais do Brasil colônia” (Leitão, 2014, p. 78). Ou seja, estar na cidade significaria, de certo modo, uma maior liberdade aos corpos, principalmente às mulheres, aos trabalhadores livres e aos ex-escravizados, afinal, estariam fora do controle visual do senhor de engenho. Contudo, os costumes e o poder ainda concentrados nas mãos dos donos de engenho foram o

suficiente para a construção de uma ideia de rua como algo desprestigiado e atemorizante para mulheres e crianças e destinado apenas aos homens. Nos dias de hoje, alguns aspectos dessas ideias ainda habitam o imaginário de muitos moradores das cidades brasileiras, principalmente os das classes mais abastadas, o que acaba por gerar projetos arquitetônicos voltados para o espaço privado e que ignoram a rua.

Em *Dysphoria Mundi*, o filósofo Paul B. Preciado (2022) discute a questão da constituição do sujeito, ao questionar o mundo atual e apontar o processo de mudança profunda – e necessária – pelo qual ele passa. Afinal, até mesmo uma pandemia parou o mundo recentemente. Dessa forma, segundo o filósofo, o momento “não seria mais de saber quem nós somos, mas o que vamos nos tornar” (Preciado, 2022, p. 38, tradução nossa). Aqui neste artigo essa incerteza sobre tornar-se algo é olhada a partir do corpo e mais precisamente dos gestos desviantes executados por ele, pois através dos movimentos realizados pelos gestos do desvio, talvez seja possível encontrar os rastros do desejo de construção e conformação de uma nova forma de habitar, de fazer cidade. Mesmo que essa questão ainda esteja em um momento de reflexão teórica, algumas costuras conceituais já anunciam o tom desse olhar que será construído, principalmente ao começar, estabilizar e articular os conceitos transversais para essa discussão: gesto, desvio e cidade.

Ao pensar sobre o que é um gesto, o filósofo italiano Giorgio Agamben (1991) parte de uma reflexão sobre a relação de indiscernibilidade, ou seja, elementos presentes em sua constituição que podem correr o risco de se tornarem indistinguíveis, e também relaciona o gesto com a arte. Dessa forma, para ele, o gesto é ao mesmo tempo “poder e ação, naturalidade e artificialidade, contingência e necessidade” (Agamben, 1991, p. 33, tradução nossa), relacionando tudo isso, intimamente, com o teatro e a dança. Assim, a filósofa Barbara Formis (2010), ao falar sobre gestos ordinários, aqueles que estão presentes no cotidiano, mas não possuem uma condição extraordinária, continua a reflexão da indiscernibilidade de Agamben para pensar sobre uma estética da vida ordinária, ao contrapor – ou mesmo entrelaçar – os gestos ordinários aos gestos artísticos. Um coabita o outro e, dessa maneira, podem ser considerados fenômenos estéticos que afetam o sujeito ou que são resultados dessa afetação a partir de um certo regime, o qual compõe essa indiscernibilidade.

Pensar sobre um processo estético de afetação aqui neste texto é adotar o mesmo entendimento trazido por Preciado (2022), considerando ainda que o filósofo se inspira em dois outros estudiosos: Félix Guattari e Eduardo Viveiros de Castro. Preciado entende a Estética como

[...] uma tecnologia de produção de consciência construída culturalmente por uma comunidade humana e não humana. A estética é, portanto, um modo sensorial partilhado, mas também uma consciência subjetiva capaz de decodificá-lo e compreendê-lo. (Preciado, 2022, p. 43, tradução nossa).

Ao pensar sobre a constituição estética das cidades e dos corpos que as habitam e ao relacionar essa reflexão com a pergunta inicial lançada por Preciado – o que vamos nos tornar? –, este artigo busca compreender teoricamente quais são os entrelaçamentos teóricos que ajudam a construir um entendimento sobre como os gestos do desvio encontrados nas cidades indicam o que vamos nos tornar, mas principalmente como eles podem indicar como são as cidades desejadas por esses corpos e as novas composições de mundo que começam a serem rascunhadas por esses gestos.

Como uma maneira de olhar para esses gestos do desvio presentes na cidade, parte-se inicialmente de um entendimento de algumas formas de compor uma sociedade segundo os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari (1996). Quando trabalham o entendimento de micropolítica e macropolítica como composições da política que coexistem e fazem parte do cotidiano, os filósofos esboçam a possibilidade de perceber como algumas formas de existir – ou de aparecimento – acontecem em um coletivo material e visível e outras no campo do subjetivo e do afeto. Esse olhar lançado para a política por Deleuze e Guattari foi um primeiro entendimento de como o desvio também pode se manifestar na sociedade e, conseqüentemente, nos gestos presentes nas cidades. Assim, chegou-se à estabilização de duas formas de desviar. Uma construída coletivamente – em aliança – e que estabelece grupos identitários contrários a uma certa normativa, um entendimento mais macropolítico. O outro tipo de desvio atua no campo da micropolítica e são os desejos e os fluxos. São os gestos cotidianos – ordinários –, os quais atuam no real social de forma mais singela, mas não menos intensa.

Para conectar essas noções de gestos e desvio e, mais precisamente, os gestos do desvio na cidade, foi utilizada uma outra noção que funciona como uma forma de pensar, uma na qual o desvio, o que normalmente escapa e a instabilidade são considerados no processo de construção de um pensamento: as nebulosas. A arquiteta e urbanista Margareth da Silva Pereira (2018) utiliza a noção de nebulosa como uma forma de pensar que admite o lusco-fusco, mas não como algo obscuro e sim cheio de possibilidades de conexão e movimento, algo em constante transformação. Por isso, para pensar sobre essa investigação teórica do que seriam os gestos do desvio na cidade, utilizar uma forma de pensar também desviante parece ser a direção a ser seguida.

Dessa forma, este artigo está estruturado em três partes principais. A primeira tenta estabelecer o que são os gestos para essa discussão, a segunda parte faz o mesmo com a questão do desvio, ao buscar entender o que é um desvio e como ele pode funcionar. Além disso, serão apontadas duas formas possíveis de aparecimento dos gestos do desvio no cotidiano, como uma primeira etapa de identificação e visualização desses gestos. Em seguida – em um último gesto no momento –, busca-se estabilizar alguns entendimentos e noções para compreender como os gestos do desvio que se desenrolam nas cidades podem ajudar a desvelar como são as possíveis conformações de cidades desejadas pelos sujeitos que a habitam. Uma maneira de começar a perceber como esses gestos desviantes podem exercer um papel de desvelamento de espaços urbanos desejados pelos seus habitantes.

2 Os gestos urbanos: uma costura entre corpo e cidade

Na tentativa de refletir sobre o que constitui um gesto – ou pelo menos estabilizar algum entendimento –, parte-se de uma reflexão filosófica fundamentada principalmente no campo da estética, ou seja, no campo da partilha das experiências sensíveis (Rancière, 2009) no mundo e, mais precisamente, as experiências e afetações partilhadas nas cidades. Assim, algumas costuras sobre o que pode ser um gesto serão feitas: o gesto artístico e o gesto ordinário; o entendimento do gesto como ação; e sua relação íntima com a cidade como traço fundamental para a sua constituição, levando sempre em conta os gestos como algo indiscernível, localizado no entre.

Como um primeiro passo de aproximação do entendimento do que é um gesto, é possível já estabelecê-lo como uma ação praticada pelo corpo através dos movimentos corporais.

A partir disso, é necessário começar a adicionar camadas a essa noção, as quais serão responsáveis por complexificar e desvelar a sua verdadeira potência como elemento para se pensar a cidade. Barbara Formis (2010) trata da questão do gesto ao investigar uma estética da vida ordinária e o faz ao pensar sobre a relação entre o gesto artístico e o gesto que ela chama de ordinário. Para ela, esses dois regimes de gesto são compostos por uma componente técnica e por uma componente criativa, “o artifício do gesto reside no paradoxo da convivência entre liberdade e aprendizagem” (Formis, 2010, p. 20, tradução nossa).

A cidade se torna, nesse contexto, um campo de possibilidades de movimentos. Através das suas curvas, retas, sombras e obstáculos, o corpo precisa aprender a desenvolver os seus gestos possíveis e necessários para habitar – conseguir ler – esse lugar, usar a sua componente criativa, mas também as técnicas já incorporadas do cotidiano. Cada cidade, ou até mesmo cada bairro, possui o seu texto específico disponível para a leitura pelos seus ocupantes. Por exemplo, “em Roma, frases romanas se formarão, em Paris, frases parisienses, com agilidade ou imperícia, sempre, contudo, no interior do tecido, como uma costura incerta e secreta” (Bailly, 2021, p. 47). Além disso, nessa relação entre corpo e cidade, é preciso estar atento, pois “nossos gestos ordinários são habitualmente fáceis: eles nos permitem manipular o mundo na condição de que esqueçamos, que o mundo, por sua vez, modifica nossos corpos” (Formis, 2010, p. 19, tradução nossa), ou seja uma relação dicotômica, na qual um age sobre o outro.

No entanto, vale chamar atenção para o fato de que habitar o mesmo lugar, possuir gestos comuns, não significa a existência de uma coesão social constituída por uma imposição espacial. A alteridade sempre estará presente e deve estar, a questão é mais sobre como encontrar uma maneira de habitar espaços onde a afetação possa se desenrolar de maneira que a liberdade e o aprendizado existente no gesto não apague ou controle a existência do outro. A urbanista Margareth da Silva Pereira (2000) relaciona o pensamento de Erwin Panofsky com os estudos de Filippo Brunelleschi para evidenciar um urbanismo falante, ou seja, uma retórica da cidade que cria possibilidades de afetação para o corpo, ao deixar claro que tudo são possibilidades e escolhas, não imposições:

Panofsky lembra que o primeiro renascimento com Pico da la Mirandola, por exemplo, descobria que “estar situado no centro do universo como homem é estar cada vez mais diante da necessidade em meio às inúmeras orientações possíveis”. As condições humanas e as “configurações” sociais e históricas que seus gestos engendram não poderiam, portanto, “ser naturais”: elas eram decisões, escolhas, julgamento. A manifestação mais evidente desse novo poder que o homem reivindica para si parece ter sido dada por um florentino, estudioso justamente das ruínas de Roma, Brunelleschi. Com ele, a linguagem das coisas visíveis e a retórica de objetos e sítios começariam a ganhar nitidez. (Pereira, 2000, p. 101).

Então, ao tomar a cidade como esse espaço de possibilidades de leitura que sedimentam gestos no corpo, as suas componentes criativa e técnica têm nesse espaço uma espécie de livro, o qual pode ser lido e interagido. Por exemplo, os artistas vanguardistas do final do século passado como Allan Kaprow (1927-2006), Paulo Bruscky (1949) e o grupo Judson Dance (1962-1964) faziam essa leitura da cidade para desenvolver seus trabalhos a partir de uma reflexão dos gestos ordinários. Uma apropriação e manipulação do gesto entre o ordinário e o artístico para criar possibilidades de desautomatização da vida. Essa leitura também é feita pela população ordinária, a qual produz os seus gestos para viabilizar a sua maneira de existir no mundo.

Os gestos artísticos e ordinários coexistem e possuem diversas semelhanças entre si, porém o importante é insistir em sua diferença, principalmente para estabilizar o gesto que se tem mais interesse aqui: o gesto ordinário. Os dois são muitas vezes tratados de forma conjunta nas reflexões teóricas e artísticas, talvez até mesmo pela tentativa dos artistas vanguardistas em transpor o limite entre a arte e a vida ou por ser um mecanismo facilitador no processo de criar pontes para se lançar um olhar estético para essas ações. Contudo, eles são distintos e precisam ser tomados de tal forma. Nessa perspectiva, Formis (2010) trata desses gestos a partir de uma ideia de indiscernibilidade, assim como Agamben (1991), na qual se admite a existência de uma tensão da alteridade mesmo na aparente semelhança.

A questão da indiscernibilidade é importantíssima para essa reflexão, não só para a construção de uma noção do que é o gesto, mas principalmente pela relação construída com o campo da estética e os seus afetos. Morder uma maçã enquanto caminha na rua não é a mesma coisa que morder uma maçã durante uma performance. Apesar dos movimentos corporais semelhantes, o regime no qual eles são realizados são distintos e pensar uma estética da vida ordinária é construir uma ponte capaz de dar ao ordinário as qualidades já reconhecidas na obra de arte. A partir dessa analogia entre esses dois mundos, é possível identificar suas diferenças e suas conexões para se pensar em uma estética da vida ordinária:

A estética acaba por estabelecer uma relação de indiscernibilidade entre o mundo da arte e o mundo da vida. Esquematicamente: o gesto ordinário é artificial mesmo que ele pareça natural, enquanto que o gesto artístico é artificial e se afirma como tal. (Formis, 2010, p. 44, tradução nossa).

Giorgio Agamben (1991) também traz a questão da indiscernibilidade existente no gesto ao refletir sobre a sua constituição e também a relaciona, em alguns momentos, com o gesto artístico. Mesmo que ele não utilize a dicotomia direta entre o gesto artístico e o gesto ordinário, ele aponta alguns elementos que são indiscerníveis na constituição de um gesto e que correm o risco de se tornarem indistinguíveis.

A utilização da palavra ordinário aqui, inspirada na leitura de Formis, vem da necessidade de utilizar um termo que expresse o que se passa na rua da maneira mais comum possível. O filósofo Michel de Certeau, em seu livro *A Invenção do Cotidiano* (2014), constrói o que seria um cotidiano e admite em seu espectro a existência do extraordinário. No entanto, assim como utilizado por Formis (2010), pensar aqui o gesto ordinário e uma estética da vida ordinária é buscar observar a vida nas cidades a partir de um olhar voltado para a experiência da coletividade, com toda a sua multiplicidade e individualidade, um comum.

Outra dimensão do gesto é a ideia de indivisibilidade, afinal, o movimento executado pelo corpo é indivisível e a busca por sua divisão é uma busca por unidade e, conseqüentemente, um produto ao qual se pode quantificar. Mesmo que se faça o exercício de tentar dividir o gesto, o único lugar onde se chegará será aos microgestos, por sua vez também indivisíveis. Essa questão já foi debatida no campo da arte, a partir da dificuldade de transformar em artefatos os trabalhos performáticos. Chega-se, então, à dificuldade de fixar o gesto em uma imagem, visto que ele é um movimento contínuo e indivisível. Agamben (1991) aponta um caminho possível através da imagem-movimento pensada por Gilles Deleuze (1998). Pensar o gesto a partir do entendimento da imagem-movimento é tentar lançar um olhar para a sua totalidade, mesmo que sejam somente fragmentos. Deleuze, ao pensar as suas imagens-movimento também está pensando sobre o indivisível:

O espaço percorrido é divisível, e mesmo infinitamente divisível, enquanto o movimento é indivisível, ou não se divide sem mudar de natureza a cada divisão. O que já pressupõe uma ideia mais complexa: os espaços percorridos pertencem todos a um mesmo espaço homogêneo, enquanto os movimentos são heterogêneos, irredutíveis entre eles. (Deleuze, 1998, p. 9, tradução nossa).

Segundo Agamben (1991), Deleuze deslocou a rigidez e intensificou o estatuto da imagem na modernidade, pois agora não é preciso falar que a imagem propriamente dita seja a questão, mas sim os gestos por ela expressos. Ainda segundo Agamben, o cinema se torna o responsável principal por reconduzir as imagens em gesto. Um exemplo é a peça *Nacht und Träume* (Figura 1), escrita em 1982 pelo dramaturgo irlandês Samuel Beckett, na qual é implicitamente dada essa recondução da imagem em gesto: “é um sonho de um gesto. Introduzir o elemento do despertar neste sonho é a tarefa do cineasta” (Agamben, 1991, p. 34, tradução nossa).

Figura 1: Frame de *Nacht und Träume*, escrito e dirigido por Samuel Beckett.



Fonte: Nacht [...] (1983).

Assim, pode-se chegar de forma objetiva – ou pelo menos aproximativa, mesmo que simplista – de um entendimento do gesto como uma ação praticada pelos movimentos do corpo, a qual se localiza entre o agir e o fazer, que não é divisível, mas como define Agamben uma forma de linguagem: “O ‘mutismo’ essencial do cinema (que nada tem a ver com a presença ou ausência de trilha sonora) tal como o silêncio da filosofia, é uma exposição do ser-na-linguagem do homem: gestualidade pura” (Agamben, 1991, p. 36, tradução nossa), é mostrar aquilo que se pode dizer. O gesto tomado aqui é movimento, uma ação que mostra o que se deseja e – talvez por isso – transforma o cotidiano, mesmo que em sua composição e conformação habite um lugar do indiscernível. Talvez seja possível dizer que esse indiscernível que é habitado são as nebulosas, instáveis, em transformação, mas ao mesmo tempo densas de informação.

Dessa forma, o texto parte para uma reflexão sobre o que é o desvio de que se fala aqui e como esses gestos do desvio podem se apresentar. Pensar sobre os gestos do desvio é acreditar que através deles pistas são deixadas na cidade sobre os desejos existentes nesses corpos, desejo de novas configurações de cidades, cidades desejantes. Olhar para os gestos do desvio na cidade é também entender quais são as mudanças necessárias, mas também as permanências necessárias. Tudo através do corpo e pelo corpo.

3 Questões sobre o desvio: habitar o desvio e se deslocar nele

Pensar sobre o que é o desvio e, mais precisamente, sobre os gestos do desvio, pode ser entendido como uma forma de tática para se pensar o futuro – pensar no que queremos nos tornar – e começar essa reflexão olhando para as nuvens parece auspicioso para esta trajetória que se constrói, com todas as suas “configurações, movimento, efemeridade, instabilidade, choques, fricções e compartilhamentos” (Pereira, 2018, p. 250). O pensar por nebulosas toma o desvio como algo incontornável, talvez até mesmo o verdadeiro cerne da questão, tanto por sua capacidade de desestabilizar verdades fixadas, como pela possibilidade de transformar os contextos a partir desses novos olhares. Os gestos do desvio aqui tratados não são uma figura de linguagem para se falar de uma forma de construir pensamento. O olhar está primeiramente voltado para os corpos presentes no dia a dia da cidade, que se cruzam, se esbarram e se desviam. No entanto, existem homologias que podem ser feitas entre a maneira de pensar e o movimento dos corpos na cidade, e é desse encontro que as nebulosas são apropriadas. Afinal, o corpo é uma construção social e cultural e, conseqüentemente, seus gestos são atravessados também pelas possibilidades de construir o pensamento que habita o sujeito.

Quando Paul B. Preciado aborda a potência do corpo como caminho para as transformações na sociedade contemporânea em *Dysphoria Mundi*, ele está falando justamente sobre a capacidade de desviar e conseqüentemente criar novas possibilidades:

O corpo político não é apenas um lugar de inserção ou de inscrição violenta do poder petro – sexo – racial, mas revela-se agora como o lugar através do qual uma mutação coletiva pode provocar deslocamentos capazes, talvez, de introduzir rupturas no sistema repetitivo e mortal da história do capitalismo global. (Preciado, 2022, p. 51, tradução nossa).

Essa possibilidade de criar rupturas e mutações a partir de uma mudança no gesto sedimentado e repetitivo pode ser relacionada com as nebulosas, pois elas admitem justamente esse processo contínuo de instabilidade, o qual é provocado a partir da adição de um novo ou ressignificação de um elemento, e esse elemento é tomado aqui como um gesto. Um gesto desviante por estar deslocado do previsto e do normatizado.

Outra dimensão dada pelo modo de pensar por nebulosas e que colabora com essa abertura da questão sobre o desvio como potência de transformação e de mudança de situação trazida por Preciado é o seguinte trecho:

Benjamin, tanto quanto Hegel, um século antes dele, criticava, assim, um modo de pensar o conhecimento que insistia em refutar zonas crepusculares, sombrias, de lusco-fusco e desvio. Em outras palavras, ambos refutavam uma forma de conhecer excessivamente guiada por uma aplicabilidade direta e imediata e que passou a se impor desde fins do século XVIII, evitando ou

coabrindo com véus as errâncias e hesitações das reflexões no ir e vir de seus questionamentos e, em suma, denegando resultados inconclusos, provisórios, contingentes. (Pereira, 2018, p. 246).

O desvio, assim como o pensar por nebulosas, para provocar uma transformação precisa inicialmente – ou talvez até mesmo em várias etapas e momentos do processo – admitir esse estado de inquietação. Uma inquietação que surge pela falta da certeza absoluta, tão cara aos rastros positivistas que ainda habitam a sociedade contemporânea. No entanto, é esse estar inquieto, que pode ser também um desajuste, um desconforto ou mesmo nada, que provoca o agir através do desvio. Percorrer desviando das certezas e cair num mundo de dúvidas, o qual também é um mundo de possibilidades.

Retomar a ideia de cidade como um texto a ser lido e desvendado por seus habitantes, a partir dos seus gestos tem uma contribuição também interessante de Michel de Certeau, principalmente para se pensar sobre o desvio. O filósofo adiciona a dimensão da delinquência, talvez um fragmento desse texto urbano ou um modo de ler através das suas transversalidades. Nesse modo de ler, mais uma vez o desvio é evidenciado como a enunciação do novo. Uma retomada também a ideia trazida por Preciado sobre as rupturas e deslocamentos necessários:

Que mudanças efetivas produz em uma sociedade essa narratividade delinqüente. Em todo o caso, pode-se de antemão dizer que, em matéria de espaço, essa delinquência começa com a inscrição do corpo no texto da ordem. A opacidade do corpo em movimento, gesticulando, andando, gozando, é que organiza indefinidamente um aqui em relação a um alhures, uma “familiaridade” em confronto com uma “estranheza”. O relato de espaço é em seu grau mínimo uma língua falada, isto é, um sistema linguístico distributivo de lugares sendo ao mesmo tempo articulado por uma “focalização enunciativa”, por um ato que o pratica. (Certeau, 2014, p. 217).

Esse trecho mostra como o desvio só existe porque antes dele existe um padrão, uma norma. Indo mais além, o gesto do desvio no cotidiano, desse jogo íntimo e pessoal, mas ao mesmo tempo coletivo, entre o sujeito e a cidade, só acontece após a incorporação das estruturas que conformam um espaço. Desviar é ter o privilégio de ter uma relação de intimidade e uma relação intrínseca com o espaço habitado para saber o desarticular e propor novas configurações.

Uma outra dimensão ao entendimento de desvio diz respeito aos seus tipos de intensidade e conformação. Gilles Deleuze e Félix Guattari (1996) discutem sobre as diversas conformações que podem compor uma sociedade e como elas são capazes de se estabilizar de certas maneiras. Uma das formas como esses filósofos apresentam essas maneiras da sociedade de se conformar é através do entendimento de micropolítica e macropolítica. Para eles, a política pode ser dividida nesses dois regimes distintos. A macropolítica diz respeito à dimensão visível da política na vida social. Por exemplo, as grandes instituições, as leis, os governos, por sua vez, a micropolítica é a dimensão invisível, dos desejos que circulam entre as pessoas, é um fluxo, um rizoma.

Vale a pena chamar atenção para alguns equívocos comuns que circundam essas noções, muito por conta dos seus nomes, os quais despertam em um primeiro momento uma ligação direta com a questão da escala, como se a macropolítica fosse algo maior e independente da micropolítica. No entanto, as duas coexistem. Uma não existiria sem a outra, e as duas são bastante extensivas. Para mostrar essa relação intrínseca e como elas operam no real social, Deleuze e Guattari apresentam como exemplo a ascensão do

nazismo na Alemanha. Para Hitler ocupar o poder com o apoio da maioria da população e agir no campo das estruturas políticas consolidadas e visíveis (a macropolítica), ele precisou agir no subjetivo – no desejo – das pessoas, que precisaram acreditar e se sentir representadas (um processo micropolítico). Essa mesma reflexão pode ser trazida para os dias contemporâneos, ao se levar em conta a subida de regimes totalitários e fascistas que parecem ser sempre um choque ao se descobrir a sua aderência social com tanta paixão e envolvimento por seus apoiadores.

Pensar sobre a política como essa coexistência entre macropolítica e micropolítica ajuda na reflexão sobre o que é um desvio e as suas formas de aparecimento. Desviar pode ser algo feito em aliança a partir de um grupo com interesses em comum que se juntam, o que pode provocar uma organização e força política mais visível (Butler, 2019), ou desviar de modo solitário ou coletivamente desorganizado, ou seja, sem a consciência de que esse desvio é feito por muitos ou sem reconhecer a potência de um desvio feito por muitos. Esses dois regimes do desvio podem ser associados a questão macropolítica e a micropolítica, tanto no que diz respeito a sua visibilidade, como também nas suas formas de se constituírem. Dessa maneira, tem-se uma primeira dimensão dessa incursão sobre o desvio. Ele pode ser feito de forma organizada e consciente ou estar presente de maneira solitária, mas ao mesmo tempo coletiva no cotidiano das cidades.

Utilizar grupos que já são amplamente conhecidos para refletir sobre essa questão pode ser um percurso mais simples para visualizar as congruências e divergências com o que se está sendo falado. Entre esses grupos, tem-se o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), o qual habita um desvio e pode ser relacionado, provavelmente ou inicialmente, com a macropolítica (Figura 2). Eles atuam de maneira coletiva e não agem em conformidade com uma lei padrão institucionalizada, inclusive vivem em um estado de conflito, tudo como um instrumento de luta pelo direito à moradia dos trabalhadores. Contudo, possuem uma forte estrutura de organização interna capaz de gerir um movimento social de abrangência nacional em um país do tamanho do Brasil. Possivelmente, daqui a alguns anos – seria o ideal –, esse grupo será absorvido pelo governo, pois sua prática política funciona com a ocupação de prédios vazios e que possuem dívida pública por famílias sem teto. Talvez, o governo adote medidas para trabalhar em conjunto com o MTST em políticas públicas para a habitação. Nesse caso, se teria uma mudança da situação de desvio, como aconteceu, por exemplo, com as pessoas LGBTQIA+, as quais deixaram de estar em situação de ilegalidade em diversos países nos últimos anos, assim, o desvio provocou o deslocamento esperado e, por isso, deixou de existir como tal.

Por outro lado, mesmo nesse grupo consolidado de movimento social em constante estado de desvio, existem também particularidades que os impelem a fazer outros tipos de desvio nos seus cotidianos. Por exemplo, gestos simples e muitas vezes poucos pensados, como o ato de deitar em um banco, atravessar fora da faixa, sentar no meio fio (Figura 3). Fazer o exercício e o esforço de coabitar essas dimensões desviantes acabam por desvelar um desvio cotidiano, ao qual ninguém escapa no jogo da sobrevivência. Algumas pessoas podem ter mais ou menos disposição – e predisposição – para serem desviantes, outras são obrigadas a serem por condições de vida específicas, mas todas são em alguma medida, senão nada se movimenta, se desloca, sai do lugar, provoca mudanças e abre espaços para que o novo possa surgir. O gesto mais ordinário – mais cotidiano –, que deixa rastros de desejos e mudanças na sua passagem pelas cidades. Esse gesto do desvio é mais fugidio, mais singelo, mas tão potente quanto qualquer outro.

Figura 2: Ocupação de terreno no Recife pelo MTST (2021).



Fonte: MTST/Divulgação.

Figura 3: Coleção de documentários *Homo Urbanus*, de Bêka et Lemoine (2017-2022).



Fonte: http://www.bekalemoine.com/homo_urbanus.php.

Para complexificar ainda mais um pouco essa incursão reflexiva sobre o desvio, é importante adicionar uma nova dimensão a essa discussão: a transversalidade. O laboratório de estudos Urbanos (leU – PROURB/ UFRJ) construiu textos coletivos sobre o narrar por transversalidades (leU *et al.*, 2020a, 2020b). Quando o leU começa a falar sobre o que é narrar por transversalidade, o primeiro fato chama atenção é a instabilidade do processo. “Narrar por transversalidade é um ato que reconhece a translação, a transição, o transitório, a transgressão como condições implícitas do conhecimento” (leU *et al.*, 2020b, p. 461). Neste texto está se falando sobre o gesto dos corpos que habitam a cidade e, ao fazer uma referência direta a Jean-Christophe Bailly (2021), esses corpos leem a frase urbana e a partir dessa leitura começam – ou o fazem ao mesmo tempo – a contar suas próprias histórias e a forma de narrá-las é a transversalidade. Esta admite a transformação, causada pelos atravessamentos com os desvios e permite uma instabilidade na condição existencial, condição para criação a imaginação de novas formas de existir.

São os desvios, as suas entregas às dúvidas, às hipóteses e aos ensaios que lhe constituem passo a passo como singularidade e cultura em seu trânsito, entre a diferença e a repetição, e em suas transgressões, entre o que se sabe e não se sabe, o que se lembra e o que se esquece, entre o que o tangencia e o que entra pelos seus olhos, pelos seus poros e o conforma como corpo, como carne, como cólera, como vontade, como desejo, como limite. (leU *et al.*, 2020b, p. 471).

Narrar por transversalidade a partir de uma leitura das frases urbanas existentes em cada cidade, em cada bairro, através de um gesto é tanto a necessidade de praticar gestos do desvio para uma atualização necessária como a resistir ao cotidiano, muitas vezes cheio de armadilhas.

Um outro olhar sobre a transversalidade é trazido pela antropóloga Teresa Caldeira (2016), que explora a partir de uma outra perspectiva o desvio e as suas alianças necessárias para a viabilização das diversas existências. Caldeira trata bastante em suas pesquisas sobre a periferia e desigualdade social no Brasil. Dessa forma, ao pensar sobre a noção de transversalidade, ela reflete de maneira complexa sobre como se relacionam o Estado e os moradores de favelas, ou seja, pessoas que moram em uma situação irregular, fora da normativa, que de alguma maneira habitam em desvio. Ao falar habitar no desvio não se faz referência apenas as casas dessas pessoas, muitas vezes autoconstruídas e em terrenos ocupados, mas também a maneira como são empregadas, muitas no mercado informal, e a diversos outros aspectos da vida cotidiana, como o tipo de transporte utilizado, o acesso a alguns serviços etc.

Para Caldeira (2016), essas vidas são cercadas por transversalidades, ou seja, uma coexistência conseguida a partir de um jogo político entre aquilo que está fora da normativa e o que está dentro dos padrões. Pode-se ir além nessa reflexão, pois a autora aponta como nesse jogo o Estado se flexibiliza de certa forma para não só admitir essas outras existências, mas também de procurar mecanismos de formalizar esses desvios. Por exemplo, o Estatuto da Cidade (Brasil, 2001) através do instrumento das Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS) prevê mecanismos para a regulamentação desses assentamentos e proteção do mercado imobiliário.

A Figura 4 mostra um *frame* do filme *Amor, Plástico e Barulho*, que se passa na cidade do Recife, de Renata Pinheiro (2015) e nela, é possível observar um grupo de amigos na praia, em Brasília Teimosa, bairro popular do Recife responsável por dar origem ao instrumento das ZEIS. No plano intermediário da imagem, é possível ver construções mais simples e irregulares; já ao fundo a presença do mercado imobiliário como forma de ameaça empresarial. Um coabitar pela transversalidade, ou seja, mais uma vez temos um exemplo de um gesto desviante que ao ser realizado com uma determinada densidade impõe um desejo. No entanto, vale ressaltar mais uma vez que os gestos ordinários do desvio possuem o mesmo poder, mesmo que não atuem nessa esfera macropolítica da visibilidade.

Figura 4: Frame do filme *Amor, Plástico e Barulho* (2015), de Renata Pinheiro.



Fonte: Queiroz (2017, p. 88).

Dentro do contexto do que foi apresentado sobre o gesto, entende-se que o desvio do qual se tem mais interesse é esse do cotidiano, a micropolítica, o fluxo, o rizoma. Os desvios casuais cheios de intensidade e desejo, cheios o suficiente para mover e deslocar estruturas que não fazem mais sentido e mostrar novos caminhos para se pensar uma cidade desejante, uma cidade onde o corpo tem prazer e quer verdadeiramente habitar. Pensar sobre as diferentes dimensões do desvio e sua transversalidade, tanto na forma de narrar, como na forma de se relacionar para conseguir existir, é importante para potencializar o entendimento desse gesto, visto como um caminho de reflexão sobre a cidade. O gesto de desviar tem muita força nos sinais que mostra e essa breve incursão teórica é só o início do desvelamento dessa potência, para que quando se volte o olhar para essas ações no espaço urbano, elas não sejam tomadas como simples caprichos ou insignificantes.

4 Conclusão: estabilizando algumas noções sobre os gestos do desvio

Ao tomar o gesto como toda essa construção indiscernível, mas e ao mesmo tempo com uma linguagem muito clara e os gestos do desvio como esse movimento de deslocamento das estruturas estabelecidas – um deslocamento dos padrões –, que acaba por configurar novas formas de habitar e possivelmente de se pensar a forma urbana. Assim, talvez seja possível estabilizar uma ideia de como entender no momento o que são os gestos do desvio na cidade: uma linguagem, na qual não se diga mas se mostre o que se quer dizer, de um deslocamento e de rupturas das estruturas consolidadas e impostas no cotidiano e que através dessa ação enunciativa do desvio novos caminhos, epistemologia e novas conformações de cidade começam a serem desveladas.

Foi apresentado como esses gestos do desvio podem possuir regimes distintos de conformação. Um deles é a sua composição macropolítica, a qual possui estruturas sociais e organizacionais bem consolidadas e visíveis dentro de uma sociedade. O outro regime é o da micropolítica: uma conformação mais fluída, um fluxo, um rizoma, impulsionado pelos desejos que habitam o sujeito. Vale a pena lembrar mais uma vez, que a micropolítica é tão intensa e transformadora como qualquer outro tipo de desvio – ou desejo.

Entender esses dois regimes distintos do desvio dentro de uma pesquisa conduzida pela noção de nebulosas é uma oportunidade de trabalhar a construção do conhecimento no próprio exercício desviante. A transversalidade construída e percebida no entrelaçamento dos conceitos se estende tanto para a forma de pensar, como para os casos apresentados como exemplos dos regimes identificados. Afinal, o gesto ordinário - talvez não capturado ou ainda em processo de o ser - parece estar habitando o desvio. Isso pôde ser percebido tanto nos movimentos consolidados como o MTST, como nos gestos cotidianos representados no documentário *Homo Urbanos* (2017-2022) ou mesmo nos deslocamentos percebidos no filme *Amor, Plástico e Barulho* (2015).

Apesar de não tratarem diretamente do tema do desvio, esses filmes revelam os gestos do desvio no cotidiano com cenas ordinárias. Por exemplo, um corpo que habita a periferia do Recife, vive de música brega, mas não se enxerga como periférico e por isso reclama por estar em uma praia cercado por pessoas pobres, como é o caso de *Amor, Plástico e Barulho* ou os gestos apresentados nos registrados dos humanos que habitam várias cidades ao redor do mundo na coletânea *Homo Urbanos*. Um napolitano que anda sem camisa na rua, um coreano do sul que lava louça na calçada, um xangaiense que corta o cabelo no meio da rua. Gestos que provocam estranhamento, tanto por sua real estranheza em relação ao contexto do qual se observa ou por um atravessamento de preconceito do olhar lançado para a cena. Esses filmes mostraram representações e registros dos gestos do desvio em sua forma micropolítica, sutil e ao mesmo intenso em seu desenrolar no dia a dia das cidades.

Dessa forma, um próximo passo possível nessa incursão sobre os gestos do desvio e como eles mostram caminhos para se pensar novas formas de habitar é visualizar, mas também encontrar dentro desses regimes, seu desenrolar em espaços urbanos específicos. Uma maneira de tentar perceber como os gestos do desvio, esses ordinários, atuam situadamente, pois o sujeito em sua formação e constituição é atravessado pela cidade que habita, com toda a intensidade de suas dimensões culturais, sociais, históricas, espaciais.

Mesmo que tudo possa parecer ainda um pouco abstrato por se tratar de um emaranhado de ideias costuradas para a composição e estabilização de um caminho reflexivo, esse processo a partir da costura de referências bibliográficas ajudou a sedimentar os planos de continuidade da pesquisa, além de costurar ideias que antes se apresentavam de forma desconectada ou ainda não arranjadas em suas nebulosas. Esse esforço de construção teórica mostra a potência do caminho de se estudar os gestos do desvio na cidade como elementos reveladores de uma aspiração de cidade, pois “não é o desejo que se apoia nas necessidades; ao contrário, são as necessidades que derivam do desejo: elas são contraproduzidas no real que o desejo produz” (Deleuze; Guattari, 2022, p. 44). Assim, os gestos do desvio desvelam os desejos dos sujeitos para os espaços que habitam, desejos que são, na verdade, uma necessidade no real social.

Agradecimentos

O presente artigo compõe trabalho de pesquisa de doutorado em desenvolvimento com bolsa da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES).

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. Notes sur le geste. **Trafic – Revue de Cinéma**, Paris, n. 1, p. 31-36, Hiver 1991.
- BAILLY, Jean-Christophe. **A frase urbana: ensaios sobre a cidade**. [2013]. Tradução: André Cavendish, Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- BRASIL. Estatuto da Cidade: Lei 10.257, de 10 de julho de 2001. Dispõe sobre normas de uso da propriedade urbana. Brasília, 2001. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10257.htm. Acesso em: 30 set. 2025.
- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. [2015]. Tradução: Fernanda Siqueira Miguens. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Peripheral urbanization: autoconstruction, transversal logics, and politics in cities of the global south. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 35, n. 1, p. 3-20, jul. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1177/0263775816658479>. Acesso em: 30 set. 2025.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano, 1: artes de fazer**. [1990]. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- DELEUZE, Gilles. **L'Image-mouvement: cinéma 1**. [1983]. Paris: Les Éditions de Minuit, 1998.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs, vol. 3: capitalismo e esquizofrenia**. [1980]. Tradução: Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão, Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1996.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. [1972]. Tradução: Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2022.
- FORMIS, Barbara. **Esthétique de la vie ordinaire**. Paris: Presses Universitaires de France, 2010.
- GULLAR, Ferreira. **Poema sujo**. [1976]. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- LEITÃO, Lúcia. **Quando o ambiente é hostil: uma leitura urbanística da violência à luz de Sobrados e Mucambos e outros ensaios gilbertianos**. [2009]. 2. ed. Recife: Editora UFPE, 2014.
- leU – LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS; CAÚLA, Adriana; FABIÃO, Aline Couri; SANTOS, Daniela Ortiz dos; BOGOSSIAN, Luisa; MAGALHÃES, Mário; PEREIRA, Margareth da Silva; BAEZA, Pilar Tiejo; CUNHA, Vitor. Narrar por transversalidades, I: jogo de intrigas. In: JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva; CESAROLI, Josianne Francia (org.) **Nebulosas do pensamento urbanístico, tomo III: modos de narrar**. Salvador: Edufba, 2020a, p. 174-186. Disponível em: http://www.laboratoriourbano.ufba.br/wp-content/uploads/2021/04/007_Nebulosas-do-Pensamento-Urbanistico-Modos-de-narrar-Transversalidades-I.pdf. Acesso em: 30 set. 2025.

leU – LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS; CAÚLA, Adriana; FABIÃO, Aline Couri; SANTOS, Daniela Ortiz dos; BOGOSSIAN, Luisa; MAGALHÃES, Mário; PEREIRA, Margareth da Silva; BAEZA, Pilar Tiejo; CUNHA, Vitor. Narrar por transversalidades, III: a fabricação dos corpos. In: JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva; CESAROLI, Josianne Francia (org.) **Nebulosas do pensamento urbanístico, tomo III: modos de narrar**. Salvador: Edufba, 2020b, p. 456-485. Disponível em: http://www.laboratoriourbano.ufba.br/wp-content/uploads/2021/04/019_Nebulosas-do-Pensamento-Urbanistico-Modos-de-narrar-Transversalidades-III.pdf. Acesso em: 30 set. 2025.

NACHT und träume. Direção: Samuel Beckett. Estugarda: Süddeutscher Rundfunk, 1983. Disponível em: https://youtu.be/Uj-CZw8PMFY?si=5kcmF_YX5V6nsrok. Acesso em: 16 out. 2025.

PEREIRA, Margareth da Silva. Corpos escritos: paisagem, memória e monumento: visões da identidade carioca. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais**, Rio de Janeiro, p. 99-113, 2000.

PEREIRA, Margareth da Silva. Pensar por nebulosas. In: JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva (org.). **Nebulosas do pensamento urbanístico, tomo I: modos de pensar**. Salvador: Edufba, 2018, p. 236-261. Disponível em: <http://www.laboratoriourbano.ufba.br/wp-content/uploads/2019/04/Nebulosas-do-Pensamento-Urbanistico-Modos-de-pensar-Nebulosas.pdf>. Acesso em: 16 out. 2025.

PRECIADO, Paul B. **Dysphoria Mundi**. Paris: Grasset, 2022.

QUEIROZ, Pietro Renato Félix de. **Tramas imagéticas da cidade anfíbia: a geografia do cinema do Recife**. 2016. 103 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/32448>. Acesso em: 30 set. 2025.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. [2000]. Tradução: Mônica Costa Netto. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. [1994]. Tradução: Marcos Aarão Reis. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.